REVISTA COMCIÊNCIA
ISSN 2595-1890 [Online] – ISSN 1807-0124 [Impresso]

ONDE O RIO GUARDA A MEMÓRIA: CANDOMBLÉ, IDENTIDADES E JUVENTUDE NA CIDADE DE SÃO FÉLIX NO RECÔNCAVO BAIANO

WHERE THE RIVER KEEPS MEMORY: CANDOMBLÉ, IDENTITIES, AND YOUTH IN THE CITY OF SÃO FÉLIX, RECÔNCAVO BAIANO

Ana Paula dos Santos Souza[a,*]
ORCID: 0000-0002-4349-1562
Ricardo Franklin de Freitas Mussi[a]
ORCID: 0000-0003-1515-9121
Zoraide Portela Silva[a]
ORCID: 0000-0002-5226-0643

[a] Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Caetité, BA, Brasil
[*] Autor de correspondência: Ana Paula dos S. Souza – E-mail: apsouzaedfisica@yahoo.com

RESUMO:
O presente artigo visa apresentar partes das análises da pesquisa, que são resultados de minha dissertação de mestrado desenvolvida no programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPGELS/ UNEB, onde parto do território de São Félix no Recôncavo Baiano, para pensar a relação entre a juventude local e o candomblé. A pesquisa intitulada "Religiosidade nas Águas do Paraguaçu: costumes do candomblé na construção e fortalecimento das identidades de jovens estudantes em São Félix-Bahia" se deu nesta cidade banhada pela margem direita do Rio Paraguaçu, com objetivo principal de compreender como os costumes do candomblé participam da construção e fortalecimento das identidades dos estudantes do ensino médio da cidade. Aspectos desse processo investigativo e descritivo serão aqui apresentados, tendo em vista o percurso de pesquisa que gerou também a construção de um produto pedagógico em formato digital nomeado "Sabaji: caderno de saberes, fazeres e costumes do candomblé" guiado pelo sagrado afro-brasileiro com o objetivo de informar estudantes do ensino médio e despertar para suas identidades ligadas a África e a cultura dos africanos no Brasil.
Palavras-chave: candomblé; identidade juvenil; São Félix; Recôncavo Baiano; educação.

ABSTRACT:
This article aims to present parts of the analysis conducted in my research, which are results from my master's dissertation developed within the Graduate Program in Teaching, Language, and Society (PPGELS/UNEB). The study takes as its starting point the territory of São Félix, in the Recôncavo Baiano region, to reflect on the relationship between local youth and Candomblé. The research, entitled "Religiosity in the Waters of Paraguaçu: Candomblé customs in the construction and strengthening of young students' identities in São Félix, Bahia", was carried out in this city located on the right bank of the Paraguaçu River. Its main objective was to understand how Candomblé customs contribute to the construction and strengthening of the identities of high school students in the city. Aspects of this investigative and descriptive process are presented here, considering the research path that also led to the creation of an educational product in digital format titled "Sabaji: Notebook of Knowledge, Practices, and Customs of Candomblé." Guided by Afro-Brazilian sacred traditions, this material aims to inform high school students and inspire them to recognize and value their identities connected

Revista ComCiência – DOI: 10.36112/issn2595-1890.e12162616
Submetido: 02 de jan. 2026 **Aceito:** 21 de jul. 2026 **Publicado:** 22 de jul. 2026

to Africa and African culture in Brazil.
Keywords: candomblé; youth identity; São Félix; Recôncavo Baiano; education.

Introdução

Diálogos Introdutórios: Quem nasce na rua é da rua - Memórias, vivências e identidade

Painho escolheu esse nome “Ana Paula dos Santos Souza", por causa de Tia “Paulina” irmã dele, também por conta de “Ana” Rita, filha de Seu Baéga o primeiro morador da Ladeira do Milagre onde eu nasci, que se tornou muito amigo de nossa família e também suporte para minha criação na comunidade. Ao gosto de meu pai fui registrada como Ana Paula. No referido contexto, sou autora responsável pela pesquisa aqui partilhada: um trabalho que está associado à minha formação enquanto mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino, Linguagem e Sociedade-PPGELS pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB.

Processo formativo também atravessado pela minha experiência enquanto docente no *Campus* XII, quando fui professora substituta, desta mesma instituição lotada no Departamento do Curso de Educação Física no Campus XII localizado em Guanambi-BA e também professora colaboradora no Departamento de Ciências Humana e Tecnologias Campus XVII em Bom Jesus da Lapa no colegiado de Pedagogia. Atravessando os percursos acadêmicos as elaborações aqui tecidas, provenientes da pesquisa de mestrado construída entre os períodos de 2022 a 2024 com prorrogações entre o diagnóstico de *burnout* e o nascimento de meu filho Anaori (01 ano) que hoje faz par com Orianan (05 anos), este trabalho inclui também elaborações que me compõem enquanto mulher preta, mãe e candomblecista nascida no Recôncavo.

Como arquivam os relatos de mainha, nasci de parto normal na rua onde vivo até hoje. Sou filha de Lucia Dalva e Donato Alves de Souza (*In memorian*) e no exato momento em que vim ao mundo, mainha pegava água no *carramanchão*[1] para abastecer nossa casa, que não tinha água encanada. O ano era 1987 e foi ali mesmo na rua onde ela sentiu as dores do parto, que ao longo de minha trajetória fui reconhecendo este lugar como território de memórias, que até os dias atuais atravessa minha vida e os processos de pesquisa que tenho conduzido. Processos investigativos que entrelaçam o campo da educação, a experiência de jovens e o contexto das práticas encantadas tecidas no cotidiano do candomblé que pude ver desde a infância na Ladeira,

[1] O caramanchão, também chamado de coreto, é uma estrutura coberta com telhado sustentado por colunas, construída junto a fontes ou chafarizes. Destina-se ao abastecimento de água por minadouros naturais e também funciona como ponto de encontro social.

na cidade e é vivido no cotidiano de muitas cidades do Recôncavo da Bahia.

Sou mesmo uma mulher negra originária deste lugar de fé que é a Ladeira do Milagre. Cresci no estabelecimento de meu pai, uma barraca que ele mesmo fez com tábuas e madeiras retiradas por aqui no entorno da ladeira, como eram todas as instalações do lugar na década de 1980. Umas eram utilizadas como moradia e outras serviam como ponto comercial e sustento das famílias do Bairro.

A nossa barraca funcionava como comércio durante o dia, quando ia caindo a noite, mainha limpava tudo, varria jogando um pouco de água da gruta de Santa bárbara, mostrada na figura 01, e preparava ali mesmo no chão as nossas camas e o espaço da barraca se transformava em nossa casa. Pela manhã cedinho a gente levantava para ir para escola, painho fazia o café e também nos dava o direito de escolher entre a bolacha de coco, a araruta (que é um tipo de fécula de amido) da padaria de Seu Walter, ou, em poucas ocasiões, o pão. Depois dessa rotina matinal, eu e meu irmão caçula (Adenilton tem uma diferença de 02 anos de minha idade e tenho memórias afetivas de nossa camaradagem, quando crianças) seguimos juntos para a escola levados às vezes por Sidinho, outras por Rone ou por outro alguém de confiança da comunidade.

Figura 1 - Gruta de Santa Bárbara na Ladeira do Milagre em São Félix-BA

Fonte: ANDRADE, M. (2024)

Nasci, cresci ali no entorno da Barraca Santa Bárbara e pela rua mesmo fui vivenciando as fases da vida. Me considero da rua até hoje, já que é esse o território que me compõe desde a infância e não se desassociou da minha experiência profissional enquanto educadora, pesquisadora e agente cultural. Neste mesmo lugar, para defender a cultura popular e os direitos humanos para mulheres, crianças e jovens negros(as), em 2020 comecei, juntamente com meu companheiro Contramestre Orikerê (Escola de Capoeira Angoleiros do Sertão), a construção e manutenção de um espaço de convivência comunitária o qual nomeamos de Centro de Cultura

e Educação Lucas da Feira.

Da porta de casa, pude constituir minhas primeiras percepções sobre o sincretismo enquanto campo de negociação, estratégia de resistência e inteligência de nossa ancestralidade negra para alternativas de permanência e continuidade. A gruta de Santa Bárbara, tornou-se em minha vida experiência prática, construção material destas articulações, expondo dinâmicas espirituais para manutenção das famílias e dos modos de vida no contexto da diáspora africana, especificamente na Bahia e no Recôncavo.

Desta maneira, o surgimento da gruta de Santa Bárbara acompanha as expressões religiosas associadas aos festejos de dezembro, mostrados na figura 02, na cidade há quase 50 anos. Além das missas normalmente em tríduo rezadas pela comunidade da Paróquia local, as comemorações na gruta são marcadas pelas visitas dos adeptos do candomblé e umbanda tanto, da comunidade como de cidades vizinhas, marcando a presença e o espaço das religiões de matriz africana nos festejos.

Figura 2 - Populares na gruta de Santa Bárbara durante a festejos em dezembro

Fonte: Acervo do arquivo público municipal Dr. Júlio Ramos de Almeida.
Data possível do registro entre 1983 a 1988.

No mesmo momento, são recebidas oferendas para Iansã – divindade cultuada nas religiões de matrizes africanas no Brasil, em cujo culto é forte a presença dos *akarás*[2]. Temos então um prato da culinária afro-baiana que além de alimento dos deuses, também serve aos humanos e que todo dia 4 de dezembro é oferecido, bem como os carurus[3] vindos pelas mãos dos povos de terreiros na Ladeira do Milagre enquanto ponto alto da fé e da devoção da

[2] *Akarás* é um bolinho frito no azeite de dendê, feito de massa de feijão-fradinho, cebola e sal, tradicional na culinária afro-brasileira, especialmente da Bahia e nos terreiros de candomblé, também chamado de acarajé.
[3] Caruru na Bahia é um prato feito com quiabo cozido, azeite de dendê, camarão seco e temperos. Geralmente é servido com arroz, vatapá, farofa, feijão-fradinho e acarajé ou abará. É típico de festas religiosas e celebrações afro-baianas.

população local.

Festejos como esse marcam a vida na cidade em que nasci, além de tantas outras datas importantes que evocam tradições estabelecidas a partir da presença da população africana transladada ao território, tornando-a uma região que se constituiu a partir de muitas expressões sagradas atuantes na expressão de um município, que de acordo com o IBGE (2022) é de 11.026 habitantes. Assim, viver em São Félix é poder dormir num vale e estar embalada quase todas as noites pelo som dos atabaques, festejando o sagrado afro-brasileiro em algum terreiro por perto. Principalmente sendo filha de Dona Lucinha e Seu Natinho (in memoriam), que zelaram durante muitos anos a Gruta milagrosa e posteriormente a Igreja de Santa Bárbara.

Se quando criança minhas memórias se consolidaram acompanhando meus pais nas tradições, atualmente integro a comissão que realiza os festejos, sendo também uma das responsáveis pela lavagem das baianas no território. Minha atual participação se dá a partir de um pertencimento étnico identitário, mas também pelo entendimento de que é necessário defender a cultura e história do território, atuando nas ações que a comunidade desenvolve no sentido de preservação dos patrimônios materiais e imateriais de São Félix e na continuidade das práticas e seus valores sob uma perspectiva política e sócio-histórica.

É a partir desse cenário e de suas transformações, que consolido meu percurso enquanto pesquisadora, levando em consideração a maneira pela qual iniciei meu contato com o candomblé ainda na adolescência e a continuidade desta escolha religiosa em minha vida adulta. Dessa maneira, os aprendizados tomam como referência minhas memórias de juventude e lembranças afro-afetivas como por exemplo das benzeduras e rezas que Dona Ester fazia em mim, quando levada em seu Terreiro de candomblé por meu pai.

Com muitos fazeres comunitários, as práticas espirituais da vizinhança povoam o cotidiano da gruta de Santa Bárbara, sendo uma área que carrega histórias perpetuadas há mais de cinco séculos de tradição, continuidade e modos de resistência operados pelas famílias locais. A comunidade reconhece ainda diversos milagres concebidos através da água da gruta milagrosa e o movimento de fiéis mantém um fluxo intenso há muitas gerações entre as subidas e descidas da lareira para pagamentos de promessas e novos pedidos, como mostrado na figura 03. Da mesma maneira, a trajetória dos moradores do bairro se estabelece num campo de práticas espirituais em coexistência, a partir de relações de cuidado e da manutenção de ações que evocam e fazem a manutenção dos legados e experiências percorridas pelos antepassados nos séculos e décadas anteriores.

Figura 3 - Chegada de Santa Bárbara à Igreja na Ladeira do Milagre junto dos devotos em procissão

Fonte: Acervo do arquivo público municipal Dr. Júlio Ramos de Almeida.
Possível registro entre 1993 a 1996.

Como tantas meninas da ladeira, cursei o ensino médio na rede pública no Colégio Estadual Rômulo Galvão-CERG e o candomblé passou a fazer parte da minha trajetória de vida a partir da juventude. Nesta instituição escolar, pude fazer parte da banda de fanfarra do Colégio, a FANFACERG, conviver com a população do Bairro Salva Vidas e construir muitos vínculos afetivos. Lá foi o local onde conheci aquele que se tornaria ao longo da minha trajetória meu *padrinho de santo*[4].

Através do contato com Wilmar Oliveira e da construção dessa amizade, nossa trajetória me levou ao Ilê Axé Odé Nilê, por intermédio dele. E a partir de 2008 me vinculei ao candomblé. Em 20024, Mãe Rita, Ialorixá liderança do referido Ilê completou cinquenta anos de Santo no mês de agosto e em 21 de janeiro do mesmo ano eu completei sete anos de iniciada em sua casa. Na nação Nagô Ijexá e pelas mãos de uma mulher negra de Oxóssi com Oxum, eu renasci. Sou *dofona*[5], meu *Orixá de Cabeça*[6] também é Oxóssi. Tal processo marca minha caminhada e de maneira direta se vincula aos objetivos de pesquisa construídos ao longo do desenvolvimento da dissertação de mestrado direcionada à juventude sanfelixta.

Como foi possível observar, a escolha do tema brota do chão vivido. As águas do Rio Paraguaçu correm como veias de memória e ancestralidade pelo corpo do Recôncavo Baiano. Em São Félix, cidade moldada por essas águas e pela força de seus povos negros, o candomblé

[4] Pessoa iniciada no orixá e que pode acompanhar o iaô desde o início da iniciação até a saída do barracão, oferecendo apoio, cuidados e orientação durante todo o ritual.
[5] Pessoa iniciada mais antiga daquele grupo (barco) e tem a função de ajudar e orientar os demais iaôs, além de auxiliar nos rituais e na organização do barracão.
[6] É o orixá que rege a vida da pessoa no candomblé e para qual é iniciada. É aquele que governa o orí (cabeça).

pulsa como presença viva e cotidiana. Nas ruas, nos quintais e nas escolas, o sagrado se faz gesto, canto e corpo. É nesse cenário que nasce a pesquisa que deu origem a este artigo, e que teve como objetivo compreender como os costumes e saberes do candomblé participam da construção e fortalecimento das identidades dos estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Rômulo Galvão-CERG na cidade de São Félix.

Mobilizada por todas essas experiências, o contexto educacional e a busca por práticas pedagógicas que tivessem como finalidade uma aproximação das juventudes aos saberes e fazeres do candomblé, passaram a marcar meu trabalho e atuação profissional. E nesse sentido fui de encontro com um referencial teórico que me permitiu considerar de que maneira os costumes de terreiro poderiam agregar valores na (re)construção identitária das juventudes locais no cotidiano da sala de aula, como meio de fortalecimento e reconhecimento da herança africana na sociedade brasileira e suas bases formativas enquanto constituinte de nossas realidades.

Assim, introduzi esta retomada da minha trajetória de vida como uma sanfelixta para situar o desenvolvimento do trabalho e o meu lugar de autora/pesquisadora/candomblecista, lembrando-me da minha vida até aqui e dos caminhos que me trouxeram para o campo acadêmico e ao mestrado. E também registro que me sustento em referências que me permitiram compreender como os terreiros de candomblé se consolidaram enquanto espaços educativos, observando como esses espaços fomentam modos de educar específicos dos povos negros da diáspora, que trataram e tratam de preservar traços identitários tradicionais da ancestralidade africana no Brasil, na Bahia e no território do Recôncavo ao qual me refiro.

Neste sentido, é possível falar sobre esses ensinamentos dos terreiros refletidos na sociedade contemporânea e para a construção das identidades das pessoas, apontando para a existência de outras lógicas que não a das escolas, que mobilizam outras dinâmicas de produção de conhecimento, outros sistemas de aprendizado e também de modos de vida experienciados e que atravessam a população sanfelixta. Nestes espaços educativos e sagrados, o saber é repassado através da oralidade, assumindo também dimensões de compartilhamento nas relações cotidianas e também rituais. Como afirma Machado (20219): “na verdade, muitos conhecimentos são passados naturalmente pela tradição oral, característica da educação que inicia o sujeito gradativamente na sabedoria da religião e na sua simbologia, que é eminentemente contextual” (Machado, 2019, p.36).

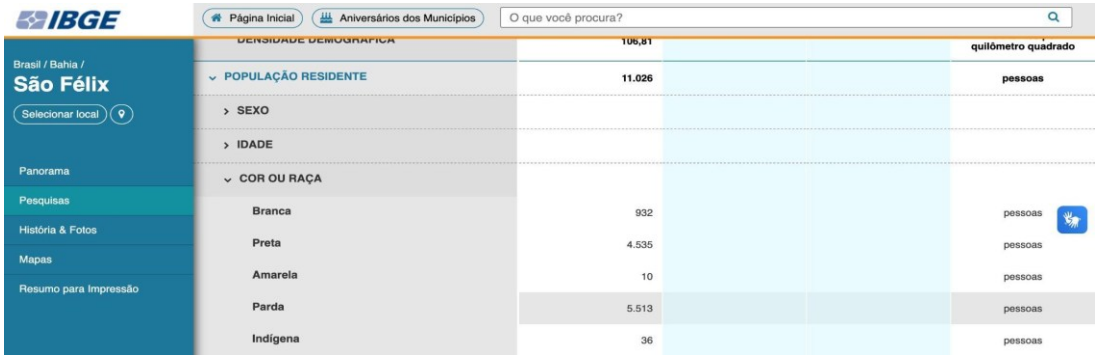
Há saberes ligados ao ensino e à musicalidade no candomblé que se manifestam nos ritos, nas cerimônias, nas danças e nos modos de ser e fazer no axé. Esses saberes se refletem externamente por meio das vestimentas, da linguagem, da culinária e de outros aspectos

culturais que marcam a presença de quem é do candomblé nos diversos espaços sociais. Os terreiros, além de guardiões de costumes com raízes no continente africano, são também espaços educativos, vivos e férteis para a construção de formas próprias de educar no contexto brasileiro. Suas práticas influenciam e dialogam com a sociedade nacional, especialmente na Bahia e no Recôncavo, regiões profundamente marcadas pela colonização, escravidão e resistência do povo negro. Ainda assim, esses territórios afirmam legados potentes, enraizados na continuidade das tradições familiares — como o terreiro que inspira esta pesquisa.

São Félix de Rum, Rumpi e Lé

São Félix é uma cidade que localiza-se à margem direita do Rio Paraguaçu no Recôncavo Baiano e tem sua origem em vinte palhoças de indígenas Tupinambás, os primeiros habitantes do território, como bem detalha o trabalho da autora Rubenilda Sodré dos Santos (2009) e o Portal da Prefeitura de São Félix (2010), sobre o processo de formação do território. Com seus 134 anos de emancipação política, a cidade encontra-se cercada por uma paisagem arquitetônica colonial, originária dos séculos XVII, XVIII e XIX. E no ano de 2010 teve tombado seu conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN (IPHAN, 2014), que modela as configurações centrais do município, estando conectada à cidade de Cachoeira por meio da Ponte Imperial Dom Pedro II, que tem sua inauguração datada de 1885.

Figura 4 - Declaração da População de São Félix por cor/raça



Fonte: IBGE, 2022.

Dentre tantas marcas históricas e culturais de negros (as) africanos (as) na cidade de São Félix, como a capoeira, musicalidade e culinária, assim como o próprio perfil étnico-racial da população - em sua maioria negra, como indicam os dados do IBGE de 2022, mostrados na figura 04, com cerca de aproximadamente 10 mil pessoas autodeclaradas pretas e pardas - destaco na região os diversos terreiros de candomblé localizados tanto no centro da cidade, quanto nas zonas rurais, somando um total aproximado de 32 comunidades religiosas de acordo

dados da FENACAB de São Félix.

O Candomblé aqui vivenciado tem sido extensamente estudado no campo das humanidades por muitas áreas de conhecimento, principalmente com a expansão da Universidade Federal do Recôncavo Baiano pelo território, com diversas pesquisas[7], de abordagem histórica, antropológica, museológica e documental que indicam os agrupamentos de negros escravizados que constituíram comunidades e famílias ao longo dos séculos e que aqui fixaram tradições desde o período escravista e no pós-abolição, configurando o fortalecimento de um campesinato negro que foi "esquecido" por elites senhoriais que abandonaram o Recôncavo no final do século XIX para explorar outras regiões do país.

Sobre as práticas espirituais na região do Recôncavo, estudos desenvolvidos revelam contudo a proibição das formas de culto de matrizes africanas na área - que acompanha o cenário colonial - sendo expressões de culto e modos de cuidado que sofreram repressão policial de forma incisiva, assim como processos de criminalização da população envolvida nas práticas espirituais/religiosas/curativas. Como bem analisam os trabalhos de Walter Fraga, doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas e professor da Universidade Federal do Recôncavo, analisar o período escravista na região do Recôncavo baiano e seus desdobramentos contextuais, assim como processos associados a chegada da abolição, é acompanhar Revoltas e Insurreições da população negra, que além de buscar manter suas tradições e práticas, em muitos momentos se recusaram a trabalhar de graça nos canaviais, como aponta Fraga (2014), recusando também os sistemas de exploração e os modos de vida distanciados de suas referências culturais.

Como retomam os trabalhos do autor, nesta região, a notícia da abolição ecoou e o povo já estava à espera. "Um jornal da cidade de Cachoeira informou que na noite de 13 de maio, o povo se derramou pelas ruas acompanhado de duas bandas de música" (Fraga 2014, p. 119). E assim seguiu em festa libertos dos Engenhos do Recôncavo, deixando suas marcas nas celebrações e tradições locais até os dias de hoje - como por exemplo, nos festejos de Independência da Bahia, na atuação das Irmandades Negras e nas comemorações festivas de Santos como Santo Antônio, Nossa Senhora da Boa Morte, São Pedro e Santa Bárbara, como também as tradições do samba de roda. Ainda nas palavras do autor: "na semana seguinte ao 13 de maio, a Câmara recebeu comunicação oficial da abolição, cerca de quatro mil pessoas desfilaram festivamente pelas ruas de Cachoeira e da vizinha, povoação de São Félix" IGHB *apud* Fraga (2014, p. 119).

[7] A exemplo temos as pesquisas de Machado (2013), Ribeiro e Marques (2020) e Santos e Queiroz (2022).

Desta maneira, podemos pensar sobre as maneiras pelas quais o legado africano e das populações escravizadas no Brasil, sobretudo a partir dos terreiros, influenciou na formação da cultura brasileira assim como na constituição da cidade de São Félix aqui referida, chegando a ser uma herança significativa para os processos de identificação e reconhecimento na população local.

Os ritmos produzidos pelos atabaques (*rum, rumpi e lé*) ressoam continuamente pela cidade há décadas e gerações. Nas suas relações com a música, com os fundamentos, com os segredos guardados pelas famílias, com a culinária, as vestimentas, as indumentárias, as rezas e com as danças, eles atravessam constituições de sociabilidade na cidade, assim como a noção partilhada de memória, do conhecimento e do aprendizado. Aprendizado este que se faz no dia a dia das ruas, ladeiras e também na beira do Rio Paraguaçu, este que contorna o município e que aqui também arquiva suas funções sagradas. É a partir desse cenário, suas expressões e dinâmicas, que os terreiros de candomblé tornaram-se ao longo do tempo espaços identitários da cultura negra de grande significado para populações que aqui vivenciaram processos de racialização herdados desde a instauração de regimes escravistas.

Neste sentido, e considerando a expressão e importância dos terreiros e práticas devocionais negras no território sanfelixta aqui abordado, registro conforme aponta Silva (2019) que "as religiões de matrizes africanas cumprem um papel significativo na sociedade brasileira, uma vez que a crença em suas divindades é elemento unificador entre os vários povos africanos que forçadamente foram trazidos para o Brasil". E na sequência apresento a tabela detalhada dos terreiros presentes no Bairro onde realizei a pesquisa aqui referenciada e que permitiram a produção de dados a partir do trabalho de campo que foi realizado entre os períodos de janeiro de 2024 e abril de 2024.

No bairro Salva vidas, em São Félix, encontram-se hoje e em pleno funcionamento seis terreiros de candomblé de diferentes nações:

Tabela 01 – Terreiros de candomblé localizados no bairro Salva Vidas em São Félix

NOME	LOCALIZAÇÃO	FUNDAÇÃO	NAÇÃO
Ilê Axé de Oxóssi	Yalorixá Valdomira Santos da Silva	1989	Nagô Ijexá
Ilê Axé Omin Nibô	Yalorixá Jacira Cardoso	1990	Nagô Vodun,
Ilê Axé Odé Nilê	Yalorixá Rita de Cássia Pereira Conceição	2010	Nagô Ijexá
Ilê Axé Obaluaê Mimó	Babalorixá Taian Veloso	2014	Alá'Kétu
Ilê Axé Odé Loni Afefé L'Oju	Babalorixá Rogério Oliveira Santos	2017	Ketu - nas água do Nagô
Ilê Axé Alto de Ogum	Babalorixá Jadielson dos Santos Pereira da Conceição	2023	Ketu

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora (2024).

Pode-se destacar duas comunidades centenárias. Uma está em terras do antigo Engenho

da Natividade, datado do século XVIII, que pertenceu à família Tosta, denominado Ilê Axé Oyó Nibecé, também chamada de Casa do Pé de Cajá, por ter no centro de seu espaço religioso, essa árvore também considerada sagrada dentro do culto. O terreiro foi fundado pelo Babalorixá Anacleto da Natividade em 1870 (Fraga, 2011) e segue em atividade. Sobre este lugar, Fraga ainda afirma que o terreiro da Casa da Cajá simboliza tanto a luta pela terra, como pela liberdade religiosa e é um fundamental lugar de memórias da cultura negra e dos/as trabalhadores/as da Bahia (Fraga, 2011), revelando a expressividade da sua existência para o contexto aqui abordado.

A outra é o Terreiro Raiz de Ayrá, que completou 100 anos em 2017 e que fica localizado no Bairro Varre Estrada. Ele é liderado pela Ialaxé Mariah Keci e foi fundado em 1917 por João Balbino dos Santos. Numa celebração do calendário religioso do terreiro, o Babalorixá João Balbino dos Santos passou, também, o comando do terreiro para o irmão de Mariá, o senhor Irineu Ferreira , cujo cargo era de Pejigan" (Bahia, 2015, p. 106).

O Rio Paraguaçu é mais que um curso d'água que corta o Recôncavo — é um arquivo vivo das lembranças e das crenças que moldam a identidade do povo sanfelixta. Suas águas acolhem rezas, oferendas e histórias, funcionando como guardiãs da ancestralidade que atravessa gerações. À luz do que propõe Pierre Nora (1984), o Paraguaçu pode ser compreendido como um lugar de memória, onde o passado não é algo distante, mas continuamente atualizado nos gestos cotidianos, nas festas, nos cânticos e nas devoções que se manifestam em suas margens. Ali, o sagrado e o profano se misturam, compondo uma paisagem simbólica em que a espiritualidade é também resistência. Paul Ricoeur (2007) nos lembra que a memória é sempre uma construção ética e coletiva, feita de lembranças compartilhadas e esquecimentos negociados; o rio, nesse sentido, é testemunha e mediador desses tempos sobrepostos. No Paraguaçu, as águas que correm guardam as vozes do passado e as anunciam no presente, reafirmando o rio como território de identidade e de pertença, onde a fé e a história se encontram em fluxo contínuo.

Neste sentido, é possível pensar a formação da cidade de São Félix e as manifestações culturais da população local a partir dos trabalhos de Hall (2006), tendo em vista de que maneira sujeitos assumem identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente, mas que podem ser mobilizadas e combinadas a partir dos processos relacionais e contextos vividos. Uma compreensão acerca das identidades que alcança por exemplo as experiências negras na diáspora e os muitos "renascimentos" que acompanharam a experiência do sequestro, da escravização e a colonização dos saberes. Por exemplo, como Gomes (2019) nos permite pensar sobre a preparação das populações negras

para a viagem transatlântica nos porões de navios negreiros, onde em algumas experiências havia o ritual de marcação, feito com carimbo de metal, aquecido em brasa e "enquanto as feridas cicatrizavam no corpo destes negros as marcas de sua nova identidade iam ficando cada vez mais visíveis" (Gomes, 2019, p.282).

Tendo em vista o contexto das expressões de matrizes negras no Recôncavo Baiano e a realidade da cidade de São Félix, as experiências cotidianas em diálogo com os outros me permitem falar sobre esse "novo homem" que desembarcou em nosso território onde não se consumou o apagamento ou o silêncio previsto pelos projetos coloniais. Aqui eu abordo o cotidiano de uma cidade que se expressa também pelo mover de seus corpos e dos seus tambores, pela manutenção dos seus terreiros, pela declaração da negritude e pelos usos correto de suas atribuições; o cabelo, a trança ou o pano que lhes adorna o orí; a forma de se comunicar e outros modos de manter a cultura afro-brasileira como reafirmação de sua identidade étnica, e que se manifesta no dia-a-dia de um território que apesar de tantas transformações, perpetua tradições ancoradas no passado e nos legados ancestrais estabelecidos anteriormente e após a experiência da travessia.

Neste sentido, é possível compreender que a diáspora africana - tomando como referência o contexto sanfelixta - expressões da ancestralidade que compõem o contexto das devoções e práticas sagradas atua como a lembrança constante de que a população negra não está sozinha neste território. Pelo contrário, os processos relacionais que compõem a cidade revelam pertencimentos à uma comunidade: a comunidade negra diaspórica, que possui especificidades em cada canto do mundo para onde se espalhou e se recriou, mas que também guarda singularidades que a fortalecem e identificam.

O candomblé como caminho de fortalecimento: análise das entrevistas com jovens estudantes do bairro Salva Vidas (São Félix-Ba)

Como os costumes do candomblé participam da construção e fortalecimento das identidades de estudantes do ensino médio em São Félix, no Recôncavo Baiano? foi a questão norteadora para pensar a juventude local durante o processo de pesquisa no mestrado, tendo em vista experiências de reconhecimento e negação das raízes africanas no contexto das práticas religiosas no Brasil e na cidade, considerando também o histórico de formação dos territórios e as populações constituintes, assim como o racismo estrutural que atravessa nossa formação social enquanto sociedade brasileira.

Para além das dimensões estruturais, a inquietação transformada em tema de pesquisa não se iniciou no mestrado, mas surgiu de muitos questionamentos que construí a partir da

minha atuação enquanto educadora social num projeto de cidadania chamado *Qual Sua Responsa?-QSR?*, somados à minha vivência enquanto uma criança e jovem que cresceu na Ladeira do Milagre, viveu o cotidiano de tradições culturais e religiosas na cidade e que estudou no Colégio Estadual Rômulo Galvão.

No projeto citado acima, atuei com a juventude de São Félix por um ano, em um cenário pandêmico em que uma parte do projeto foi desenvolvida de forma remota e a outra presencial, com estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Rômulo Galvão-CERG entre os períodos de 2021 e 2022. Desta maneira, esse Colégio, a única escola pública de educação básica que oferece o ensino médio em São Félix, se tornou meu campo empírico. Os participantes da pesquisa aqui referenciada são estudantes com idade entre 15 e 18 anos, regularmente matriculados na sede do município, que somam 209 (duzentos e nove) estudantes. Destes, 11 (onze) se dispuseram a participar da pesquisa e estiveram dentro do perfil pretendido de participantes. Como critério ético para resguardar o anonimato dos sujeitos, suas identidades foram substituídas por pseudônimos inspirados em elementos da natureza e da territorialidade local: Cachoeira, Fogo, Água, Terra, Areia do Mar, Rio, Árvore, Vento, Folha e Pedra.

As entrevistas foram executadas, transcritas na íntegra e passaram por minuciosa análise de conteúdo, para posterior relação com estudos já existentes, para fins de comparações visando alcançar os objetivos da pesquisa. Durante este processo, foram realizadas leituras dos dados coletados, possibilitando estudo e entendimento das relações existentes, nas interfaces das falas dos participantes e da discussão teórica com base nos estudos já produzidos sobre religiosidade, candomblé e identidades de juventudes, assim como sobre o contexto histórico do Recôncavo Baiano. Com base nesta perspectiva, o Colégio Estadual Rômulo Galvão atendeu prioritariamente aos requisitos que elencamos na pesquisa: possuir jovens estudantes regularmente matriculados no ensino médio em São Félix, que quisessem voluntariamente participar do processo de investigação.

É importante registrar que o Colégio Estadual Rômulo Galvão está localizado no Bairro Salva Vidas, e no seu entorno, em funcionamento, estão instalados 06 (seis) terreiros de candomblé de diferentes nações lideradas tanto por Yalorixás, quanto Babalorixás, sendo também de nações e anos de fundação diversos. Já o bairro, assim como outros, está afastado do centro da cidade - ainda que o que se define como centro na cidade de São Félix seja uma área muito pequena em relação aos outros bairros como a Ladeira do Milagre, o Varres Estrada ou o Bairro 135.

Bem como se diferencia em relação às áreas rurais, que são instaladas um tanto quanto distantes do centro e que se caracterizam por extensões territoriais maiores, sendo áreas que

construíram características próprias de sociabilidade, práticas culturais e estrutura de moradias, assim como suas respectivas populações apresentam configurações de vida distintas daqueles que vivem no limite estabelecido enquanto “centro da cidade". A considerar também a expressão das comunidades quilombolas que se apresentam nos entornos rurais da região, configurando outros distritos e municípios vizinhos com base em experiências comunitárias e nas associações formalmente reconhecidas enquanto remanescentes das comunidades dos quilombos. De acordo com Lima (2019):

> A comunidade do Bairro Salva Vidas é composta por famílias de baixa renda, com características afrodescendentes. A Prefeitura é a maior fonte empregatícia para uma pequena parte dos moradores do Salva Vidas, acompanhada da Santa Casa de Misericórdia e Hospital Nossa Senhora da Pompéia, outros obtêm renda da pesca e dos empregos temporários nos comércios das cidades vizinhas (Cachoeira e Muritiba), e outra parte vive do programa Bolsa Família do Governo Federal (Lima. 2019, p. 6-7p.7).

O Salva Vidas é um dos maiores e mais populosos bairros de São Félix. Seu crescimento se intensificou principalmente entre as décadas de 1980 e 2000, período em que o bairro passou por expansão urbana, aumento populacional e ampliação gradual de moradias e serviços, é de fácil acesso, possui iluminação pública, rede de esgoto e água encanada. “ Composto por 909 famílias, o bairro Salva Vidas, um dos mais populosos do município, se desenvolveu a partir da construção da Rede Ferroviária Federal e da estrada para o município de Maragojipe” (Lima. 2019, p. 6-7p.7).

De acordo com relatos de antigos moradores, o nome do bairro possui história e está ligado ao sistema de proteção criado para salvar a vida das pessoas que ali moravam. Em 1881 inaugura- se em São Félix a estação de trem, um marco que acompanha o desenvolvido urbano da cidade e sua relação com a cidade de Cachoeira - município vizinho que fica no outro lado do Rio Paraguaçu. Para quem não conhece, a linha férrea passa por dentro do bairro e existem casas tanto na parte de cima, quanto embaixo do bairro, formando uma perigosa e paisagística cena cotidiana (Lima. 2019, p. 6-7) .

O Colégio Estadual Rômulo Galvão, ainda hoje, é a única escola em nível estadual do município de cerca de 11 mil habitantes. O Colégio teve sua fundação publicada em 15 de abril de 1972 no Jornal local que circulava na época “O correio de São Félix”, o que representou um sonho para os munícipes. Suas obras foram concluídas na gestão municipal do prefeito Antônio Carlos Lobo Maia, após campanha para que uma escola estadual fosse instalada em São Félix-BA e no dia 23 de fevereiro do ano de 1972 o decreto foi assinado pelo Governador do Estado da Bahia Antônio Carlos Magalhães. A partir do dia 13 de abril às aulas regulares aconteceram

em instalações provisórias, na Sede da Escola Paroquial no centro da cidade. Posteriormente, em sua sede própria no Bairro Salva Vidas, torna-se Centro Educacional Rômulo Galvão, oferecendo os ensinos fundamental e médio, bem como cursos profissionalizantes na área da saúde.

O Colégio Estadual Rômulo Galvão-CERG atende ao art. 10, inciso VI da Lei no 9394/96 – LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação. Em conformidade com o art. 37 da LDB oferece também a Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA. Ainda " sob a direção da Professora, Hozana Mota Costa Pinto de Santana Pedreira que atua proporcionalmente entre a sede e o anexo desta Instituição" (PPP, 2017 p.25) já atendeu alunos(as) de escolas municipais e particulares das cidades circunvizinhas como: Cachoeira, Muritiba, Maragogipe, Cruz das Almas, São Felipe e distritos como Coqueiros e Nagé, atualmente povoada apenas por estudantes de São Félix.

São Félix teve a presença de portugueses e por muito tempo foi grande sede do mercado no Recôncavo. É nesta cidade do Recôncavo Baiano que hoje habitam os descendentes dos negros africanos e dos povos indígenas, que de fato precisam se apropriar desta história para além da construção de suas identidades individuais fortalecerem seus grupos e comunidades. A importância das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé segue sendo reforçada como descrito no Art. 1º da Lei Nº 14.519/2023[4] sancionada pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, em 5 de janeiro de 2023, onde em seu Art. 1º "Fica instituído o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé, a ser comemorado anualmente no dia 21 de março".

Entendemos também que o Recôncavo é território de negros constituído aqui no Brasil. Território de identidades vinculadas ao terreiros de Candomblé da região, que confirmam não somente as várias formas de resistências e existências negras, mas também a relação de comunidade que legitima o legado ancestral secular e religioso, cuja origem está no povo africano, mantida como herança afro-brasileira pelas comunidades locais.

No terreno acadêmico, esta pesquisa de abordagem qualitativa (Mussi *et al*., 2019), agrega valores no que diz respeito ao legado histórico e cultural da ancestralidade negra, representado pelo candomblé, dando atenção para as concepções temporais, por meio das vozes dos participantes que também são jovens contemporâneos e de seus respectivos cotidianos. São memórias de um saber diverso. A sustentação desta pesquisa está na reflexão sobre a religiosidade de matriz africana e as identidades pela relação ou não com estas. Nesta direção, é possível perceber um engajamento antirracista no currículo da educação brasileira; observamos aspectos da negritude a serem discutidos e analisados, tanto quanto na

representação positiva do negro africano na história do Brasil. Diante disso, a negritude e/ou identidade negra para Munanga (2020 p.19), "se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental branco reuniu sob o nome de negros".

Como você entende a participação dos negros africanos na história e cultura de São Félix? foi uma das muitas questões abordadas pela pesquisa aos jovens sanfelixtas do Bairro Salva Vidas. Entre as respostas pude encontrar as seguintes palavras: "eu entendo que o negro ajudou a construir a cidade por que a gente já sabe que trouxeram negros na escravidão pra cá. Tem muita gente negra em São Félix que com certeza são descendentes de africanos". Já uma segunda participante da pesquisa afirma: "Eu não sei como teve essa participação dos negros africanos. Só sei o que fala na aula mesmo. Que era o negro que trabalhava e fazia tudo, construía os prédios, trabalhavam e fizeram até a ponte daqui".

Como você entende a participação dos negros africanos na história e cultura de São Félix? foi outra pergunta que conduziu a pesquisa aos jovens participantes. Além da religiosidade, a capoeira e o samba de roda, ela abriu caminhos de resposta e diálogos para debater como a sociedade se edificou por meio das mãos dos negros africanos através do trabalho, não somente braçal. Esse trabalho pode ser apontado em praticamente todos os setores econômicos do país, desde a produção do açúcar, a criação do gado, o trabalho doméstico, a organização dos centros urbanos, a produção do café, a instalação das estradas de ferro e a agricultura.

Em relação a história da cidade, sabe-se que houve crescimento significativo do local, quando os negros africanos foram trazidos como mão de obra escrava. A tentativa de apagamento da história e negação da importância dos saberes e fazeres da população negra africana nos diferentes espaços sociais no Brasil, tem impacto sobre as contribuições que deixaram como legado e cultura. A mão de obra africana foi implantada nas áreas de forte impacto da economia e podemos dizer que se exigia, por parte dos colonizadores, um trabalho qualificado desta população, uma vez que a indústria açucareira no ocidente era um dos ramos mais avançados de produção de riqueza na época.

Perguntada sobre *como entende a participação dos negros africanos na história e cultura de São Félix?* uma das participantes da pesquisa respondeu: "Eu vejo em São Félix que, de uma maneira geral, apesar das inúmeras tentativas das lideranças do país de apagar as manifestações culturais dos negros, muitos elementos puderam (com muita luta) permanecer" (Cachoeira, 2024). E completa: "entendo que a cultura do samba de roda, da capoeira, até as rezadeiras são feitas por pessoas negras até hoje" (Cachoeira, 2024). Sobre a mesma questão, e

segundo mais um dos participantes, temos:

> Se não fosse o povo negro africano que veio pra cá, não teria essa cultura emSão Félix. A capoeira mesmo não é de branco, é do negro e aqui tem muita gente que é da capoeira, eu ia pra capoeira quando era criança, mas depois que minha mãe entrou na igreja ela não deixou mais eu ir. Perto lá de casa tem um terreiro que eu ia também. Sempre que tinha festa de Mãe Rita, eu ia. No caruru eu ia também. Tinha os santos lá, mas eu não ligava não que eu já sabia que era a parte do candomblé. Na hora que servia a comida era gente normal que dava, então eu comia a comida, pegava doce e ganhava brinquedo. Hoje não vou mais lá não, porque minha mãe e minha avó são da igreja (Jovem entrevistado, 2024).

E para complementar, a temática discutida se amplia com a seguinte resposta: "minha avó é mãe de santo, minha avó faz tanta comida de candomblé, tem a do santo e a que a gente pode comer, candomblé ela não toca mais, mas tem as coisas dela em casa, isso é coisa dos africanos sim". Ao longo do processo de pesquisa e do encontro com as/os estudantes, o legado antepassado entra em debate nas conversas, assim como as leituras da juventude sobre o que é o Recôncavo Baiano e a cidade de São Félix. Territórios conhecidos pela religião, música e dança e também por preservar iguarias da culinária afro-brasileira e não somente dentro dos terreiros. Como afirma mais uma das participantes:

> Eu sempre soube que o negro participa da história de São Félix e que ajudou a construir a ponte Dom Pedro II. Todos os terreiros que tem em São Félix tem gente negra, e essas pessoas são parentes dos africanos que viveram aqui. Minha tia é de um terreiro que tem mais de 100 anos aqui na cidade. Eu não sou de terreiro, mas eu vejo minha tia falar o tempo todo que as coisas que eles fazem lá é da África, que precisa as pessoas reconhecer mais por que fica chamando de macumba e querendo maltratar quem é de candomblé, sem saber que quando os negros chegaram aqui não foi por que quiseram, foi por causa da escravidão (Jovem Entrevistada, 2024).

Neste sentido, as narrativas apontam como a presença dos negros africanos em São Félix, é, portanto, a prova de que a trajetória e história negra não foi apagada totalmente neste lugar, da mesma maneira em que elementos atrelados à cultura africana se traduzem nos fazeres de seus descendentes, sendo também um testemunho sobre o quanto é importante e significativa o legado da população africana para a formação da identidade territorial da região.

Ao longo da pesquisa, uma sequência de perguntas foi elaborada sobre o que eles/elas achavam sobre o candomblé, no que diz respeito à representação da cultura negra, e dentre as respostas para as seguintes perguntas "*na sua opinião o culto denominado candomblé representa a cultura negra africana em São Félix? (Se sim ou não, como/por que?)" e "Você conhece ou faz parte de outros segmentos da cultura negra na cidade. Qual e como?"* encontramos:

> O candomblé é sim um forte elemento cultural de São Félix. Muitos elementos dessa religião foram difundidos na cultura de tal forma que, no dia a dia, fazemos e utilizamos muitos elementos que são do fundamento do candomblé, sem perceber. Na capoeira, por exemplo, são cantadas diversas cantigas que originalmente eram de candomblé (Jovem entrevistada, 2024).

Em relação a representação da cultura negra através do candomblé, Água responde:

> O candomblé representa a África sim, se veio de lá. Veio de lá com os escravizados e depois foram fazendo as coisas da religião aqui no Brasil. Eu acho que antes não era candomblé não, por que se eles apanhavam, ficavam de castigo, uns até os senhores de engenho matavam. Acredito que eles faziam coisas de religião escondidas, porém nem sei se era macumba. Acho que não. Acho que só acendiam vela, rezavam alguma coisa assim nas senzalas, como é que eles iam fazer candomblé? Eu não faço parte de nada não, nem de candomblé nem de outra coisa (Jovem entrevistado, 2024).

Sobre a mesma questão, Fogo nos dá a seguinte resposta:

> Eu vejo o povo do candomblé na rua, mas não acredito que é a cultura de São Félix não, tem outras coisas. Mas se for do africano pode ser o candomblé mesmo, outra coisa de africanos seria o que? Eu acho que só o candomblé mesmo, de algumas casas que tem movimento, por que tem umas casas aqui também que estão fechadas, por que passo na porta perto onde eu moro assim, que não vejo movimento nenhum. Deve ser que não funciona mais. Eu não faço parte de nada não, só venho para esses negócios de cultura do negro aqui na escola mesmo. Tem o 20 de novembro, palestra e tem uma professora aqui que tá com coisa de candomblé. Quando tem as coisas da escola que é pra nota eu participo, mas de candomblé não. Deus é mais! (Jovem Entrevistado 2024).

> Representa sim, São Félix tem muita gente de candomblé, tem branco que eu vejo, mas tem mais gente negra e o candomblé é do negro mesmo. Candomblé é da África e conheço a capoeira, o samba de roda, que tem até aqui na escola. Sempre tem capoeira ou alguma coisa com as culturas de São Félix. Agora assim, na minha família tem gente de candomblé, mas eu não sou não, lá ele! (Jovem entrevistado, 2024).

> Eu não sou de candomblé não, mas acho bonito. O povo fala tanto de candomblé. Fala mal! Eu não vejo nada demais. Acho só que é a cultura do povo negro que veio da África. Eu acho que tem que respeitar por que cada pessoa pode ser de onde quiser. Eu não acho legal quando tem preconceito. Queria até ser da capoeira, mas não tô com muito tempo para ir pra treino e eu sei que tenho que me dedicar para aprender. Vejo que as pessoas do candomblé sempre estão indo nos terreiros fazer alguma coisa lá. Tem que ficar indo, acho que a capoeira é a mesma coisa, só não é religião a capoeira e o candomblé é (Areia do mar, 2024).

Rio responde: "Com certeza!" (Rio, 2024) em relação ao candomblé representar a cultura negra africana em São Félix, que conhece outros segmentos da cultura como capoeira e samba, mas que não participa de nenhuma dessas atividades, Árvore responde: "totalmente, pois a fé e o culto aos ancestrais foi trazido para o Brasil pelos africanos e nosso povo foi continuando as coisas mesmo com escravidão, eu sou da capoeira" (Árvore, 2024).

Quando perguntada, Terra diz que "o candomblé representa, mas assim quem é do candomblé né? Por que as outras pessoas que não são da macumba? Aí pra mim não representa não" e completa sua resposta em relação aos demais segmentos da cultura negra no sentido de

fazer parte ou não: “eu só faço alguma coisa aqui mesmo na escola, sempre tem alguma atividade da consciência negra, eu não gosto de dança, dessa danças que são de candomblé tipo afro, mas sei que faz parte. Se for pra nota tem que fazer né?” (Terra, 2024).

> Sim, o candomblé expressa a cultura do nosso povo, mesmo quem não for de candomblé e morar em São Félix as pessoas sabem que aqui tem essa cultura. Você pode até não ir pra festa do santo, mas conhece as pessoas, come a comida do terreiro. Na casa de minha avó mesmo, vai gente que não é de candomblé, por que ela também reza sabe. Daí o povo vai tanto rezar como jogar búzios com ela. Ela não toca mais, não faz mais festa, mas faz jogo, limpeza, reza as pessoas, as crianças, reza bebê. Tudo isso representa o povo brasileiro, e aqui na Bahia, que eu vejo bem essa cultura, porque tem muitas pessoas negras que são do axé. Eu agora não tô participando de nada assim, fico mesmo é na casa de minha avó vendo as coisas, eu queria que ela me ensinasse tudo. Eu quero ser igual a ela. Na verdade, eu queria ser igual a minha avó. Saber tanta coisa de candomblé como ela sabe (Vento, 2024).

Folha e Pedra dizem que sim, que o candomblé representa a cultura negra africana em São Félix, que foi a cultura dos escravos que vieram para cá e ambos dizem não participar de nenhuma outra manifestação da cultura negra na cidade (Folha; Pedra 2024). O candomblé representa, de forma religiosa e cultural, um minucioso sistema de preservação das tradições e rituais africanos, mesmo que tenha sido adaptado ao Brasil, tanto em seu surgimento, quanto na forma como se vê nos dias atuais. Contribui para afirmação de nossa identidade cultural afro-brasileira, e compõe a diversidade religiosa do país, promove a resistência das comunidades negras por meio da incorporação dos elementos das religiões africanas na sociedade brasileira.

Os terreiros de candomblé são espaços sagrados e a mística das cerimônias e rituais preenchem esses lugares de magia. Os terreiros desempenham importante papel na preservação da religião afro-brasileira. Tem sido também objeto de estudo de pesquisas nas mais diversas áreas como antropologia, sociologia, história e outras. A ciência tem tido um papel significativo em relação ao registro das informações sobre os costumes, histórias, saberes e fazeres do candomblé, coletadas através de pesquisas. Porém, nada se compara ao aprendizado que acontece dentro dos terreiros por meio da oralidade e nas trocas com os mais velhos.

Os adeptos do candomblé, mais conhecidos como filhos de santo, embora haja diferença entre visitante (quem vai apenas consultar o jogo de búzios, realizar algum tipo de trabalho ou vai em alguma cerimônia), abian (frequentador de uma casa, que já participa de algumas cerimônias ou rituais no candomblé, porém não é iniciado para o orixá – normalmente chega aos terreiros por intermédio de sonhos, de sensações ao estar próximo do sagrado – por conexão com a religiosidade negra), Ìyàwó (filho de santo já iniciando na feitura para o orixá) representam uma diversidade social expressa na própria sociedade brasileira.

Mesmo sendo um lugar de aprendizado, o terreiro de candomblé se faz complexo neste

sentido, onde nem tudo se pode aprender, nem tudo se pode ensinar. Há coisas que quem é de candomblé morre sem saber ou precisa de tempo para o aprendizado, de forma que há grandes desafios em relação aos segredos do sagrado, os quais só se aprende ao longo do tempo num processo de confiança, na construção de si e dos outros, diante da coletividade e nas relações cotidianas.

Para a seguinte questão: "você é adepto do candomblé ou esta religião faz parte de sua vida de alguma forma? Através de sua mãe/pai, avó/avô, irmão/irmã biológicos (as) ou outro parente que faça parte da religião e tenha convívio com você? (Se você faz parte do candomblé como se dá sua participação local?)", apenas duas participantes disseram sim. "Sim, minha avó foi mãe pequena de um terreiro de Candomblé. Hoje sou abian. Eu faço tudo que tem no terreiro que eu posso né. Coisa de abian, por que nem tudo a gente pode" (Árvore, 2024). Outra participante diz:

> Eu amo o candomblé porque vejo minha avó fazer tudo com amor. Eu sou de candomblé! Minha avó é mãe de santo e rezadeira há tempo. Eu quero que ela raspe meu santo. Como minha avó não toca mais, eu ajudo ela em coisas aqui dentro mesmo. Quando ela faz pipoca pra jogar aqui eu ajudo, pego folha quando ela precisa e tem vezes que precisa ajudar se vier alguém pra fazer limpeza. Aí ajudo no que tem que fazer, depois tomo meu banho de descarrego, fico leve, é bom tomar banho de folha. Mas não faço tudo não, que não sou feita no santo, só algumas coisas que minha avó manda mesmo. Só as coisas que pode, entende? (Vento, 2024).

Um dos participantes diz: "eu era do candomblé quando eu era criança e morava na casa de minha avó. Agora que não moro mais lá eu saí" (água, 2024). Respondem Cachoeira e Terra: "Eu conheci o candomblé através do contato com a capoeira, onde muitos praticantes frequentam casas de candomblé, mas não me considero uma adepta, apenas visito alguns espaços ocasionalmente" (Cachoeira, 2024) já Terra (2024), "Não. Respeito a Religião, mas não sou adepto".

De maneira geral, os participantes conhecem os costumes do candomblé e percebem que estão presentes na sociedade e em São Félix, e para a pergunta: "Você conhece os costumes do candomblé? Acredita que estes costumes fizeram parte da construção da sua identidade? E como isso se deu?" Apresentamos os seguintes recortes: "Eu sei da dança, da musicalidade. A música se aproxima da capoeira. Eu acho até que são "inspiradas" no candomblé, e eu como praticante da Capoeira Angola, tenho sim em minha identidade esses costumes" (Cachoeira, 2024), já Fogo diz: "usar roupa branca. Eu até já sei quando vejo o povo de banco na rua dia de sexta que é filho de santo. Nem todos né?, mas aqui em São Félix, que tem muito macumbeiro é de candomblé mesmo, tem também".

> Sim conheço. Eu tenho orgulho de dizer que somos do candomblé, toda minha família. Meu pai, minha mãe e minha avó, mãe de minha mãe. Eu sei tocar pra caboclo, pra orixá eu aprendi na casa de minha avó olhando as festas e tudo que tinha com toque. Eu sempre estava lá no meio das crianças. Hoje já cresci e ainda fico. Eu tenho minha conta de orixá, minha avó me deu, uso quando tem festa lá no terreiro, dia de sexta eu saio pra curtir não uso muito roupa branca, mas quando eu faço alguma limpeza fico de branco e sigo o resguardo. Já fiquei 7 dias de resguardo para cuidados do axé. Quando tem lavagem de baiana e vou com minha mãe vejo que os toques são os mesmos que tocam no candomblé, a roupa das baianas é igual à que se veste no candomblé. No dia-a-dia eu não uso as coisas do axé, só quando estou no candomblé mesmo (Água, 2024).

As entrevistas realizadas com os jovens do bairro Salva Vidas revelam que o Candomblé se manifesta como uma presença viva, mesmo quando não é assumido como prática religiosa direta. Nas falas, percebe-se que os costumes do axé atravessam o cotidiano através das comidas, das músicas, das festas e das rezas, e formam um campo simbólico de pertencimento que ultrapassa o templo. A convivência próxima com os terreiros e com figuras familiares ligadas à religião faz com que a juventude reconheça, ainda que parcialmente, as marcas dessa herança africana como parte de si e da cidade. Mesmo entre os que se dizem “não de terreiro”, o Candomblé aparece como um modo de existir no mundo, ligado à memória e à identidade coletiva sanfelixta.

Por outro lado, as falas também evidenciam tensões entre reconhecimento e negação, marcadas pelo racismo religioso e pela falta de representações positivas sobre as religiões de matriz africana no espaço escolar. Muitos estudantes associam o Candomblé à cultura, mas não necessariamente à fé, reproduzindo estigmas históricos que afastam a religião do campo do sagrado. Ainda assim, o contato cotidiano com os costumes do axé e com as expressões culturais negras — como a capoeira e o samba de roda — indica um processo silencioso de reapropriação identitária.

O Candomblé, nesse sentido, opera como uma pedagogia comunitária e afetiva, que ensina pertencimento e resistência a partir das experiências vividas. Assim, compreender o Candomblé como caminho de fortalecimento é reconhecer sua potência enquanto território de memória e instrumento de reconstrução simbólica entre as juventudes negras do Recôncavo. O bairro Salva Vidas e o Colégio Rômulo Galvão tornam-se espaços de mediação entre tradição e modernidade, onde os saberes ancestrais dialogam com os desafios contemporâneos. O Candomblé, em sua dimensão espiritual e cultural, reafirma-se como fonte de autoestima e continuidade histórica, sustentando a esperança de uma juventude que, mesmo diante das marcas do racismo, aprende a se reconhecer nas águas do Paraguaçu e nas histórias que o rio guarda.

Considerações finais

O estudo permitiu compreender que o Candomblé, mais do que uma religião, constitui-se como um espaço de resistência, memória e fortalecimento identitário para a juventude sanfelista. As narrativas dos(as) estudantes revelam o quanto os costumes, as práticas e os saberes herdados das religiões de matriz africana seguem presentes no cotidiano da cidade, mesmo diante das tentativas históricas de apagamento e do preconceito ainda existente. O reconhecimento dessas tradições como parte do tecido cultural local reafirma o Candomblé como fonte de pertencimento e de afirmação da ancestralidade negra, articulando fé, história e cultura no processo de formação das identidades juvenis em São Félix.

Assim, compreender o Candomblé enquanto caminho de fortalecimento é também compreender os modos como a juventude reinscreve a memória africana no presente, transformando-a em potência educativa e social. O diálogo entre religião, escola e comunidade possibilita refletir sobre novas formas de construir o respeito à diversidade religiosa e cultural, e de enfrentar o racismo estrutural ainda vigente. Nesse sentido, o Candomblé, ancorado em suas tradições e valores, continua a inspirar modos de ser e existir, reafirmando que as identidades negras e sanfelistas encontram no sagrado um lugar legítimo de enraizamento, resistência e reconstrução coletiva da história.

Referências

FRAGA, Walter; NUNES, Marcelo Álvaro; COUTO, Edilece. A terra Sagrada: História e Memória de um terreiro de Candomblé no Recôncavo Baiano. In: **Práticas e Vivências Religiosas**: temas da história colonial à contemporaneidade luso-brasileira. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2011. v. 320, p. 260-285.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 103-133.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **São Félix (BA) - Cidades@**. 2022. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-felix/pesquisa/10102/122229. Acesso em: 03 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **São Félix (BA) - Panorama**. 2022. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-felix/panorama.

Acesso em: 20 mai. 2025.

MACHADO, Luana Verena Nascimento. **Poder feminino e identidade na Irmandade da Boa Morte**. 2013. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo Mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto Pereira (org.). **Cadernos Penesb 5**. Niterói: EDUFF, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. **História do Município de São Félix**. São Félix, BA: Prefeitura Municipal de São Félix, 2010. Disponível em: https://saofelix.ba.gov.br/historia/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 08 nov. 2025.

RIBEIRO, Elder Pereira; MARQUES, Francisca Helena. A iniciação dos Ìyàwós e a educação no Ilê Axé Idan. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 6, 2020.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Edmar Ferreira. **O poder dos candomblés**: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/179/4/O%20poder%20dos%20candombles.pdf. Acesso em: 18 jul. 2026.

SANTOS, Maria Elizia; QUEIROZ, Maria Roseneide Farias. Memorial dos Ancestrais: um espaço de memória. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 67, 2022.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **O Candomblé e a Identidade Cultural Brasileira**. YouTube: Nós Transatlânticos, 7 dez. 2016. Vídeo em formato eletrônico. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aSNn4s9RhAM. Acesso em: 3 abr. 2023.

SANTOS, Rubenilda Sodré dos. **Cultura política e participação no Recôncavo baiano hoje**: uma análise sobre Cachoeira e São Félix. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2009.

SANTOS, Tânia Oliveira. **Registros de Terreiros de Candomblé em São Félix**. São Félix, BA: Federação Nacional do Culto Afro-Brasileiro (FENACAB), 5 ago. 2023.

SILVA, Carlos Moore Danilo. **A volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento**: práticas pedagógicas escolares em história e cultura afro-brasileira. Curitiba: CRV, 2019.